

OS FELIZES

J.L.

Depois do almoço dá um sono impossível: o passageiro de "Praia Vermelha" começa a ler os anúncios do bonde, ouve a algazarra da estudantada, emprega tôda a atenção à conversa dos visinhos, mas o sono vai derrubando o homem para o lado direito. Acorda, cochila de novo, cai para o lado esquerdo. A mocinha do lado esquerdo bem que trocaria o lugar com qualquer rapaz, pois esse lugar junto de homens que dormem sentados é mais conveniente para rapazes que não liguem e possam livremente bater na coxa do passageiro: "acorde, maigo, acorde, sim?" Mas o homem não acorda e a moça ensáia a frase: "acorde senhor, acorde, sim?" Porém a moça tem uma voz muito engulida (uma vez não conseguiu um lugar de telefonista apesar de forte cunha) e o dorminhoco não acorda.

Quando o bonde desemboca no Pavilhão Mourisco, o homem acorda; a mocinha salta, e uma senhora bastante distinta toma o lugar da moça. Mal o bonde atinge a altura do colégio da Imaculada Conceição o homem vai no mais profundo dos sonos. Está pendido para a senhora, as mãos cruzadas, o chapéu quase voando ao vento. A senhora ampara delicadamente o homem de cima de si. Mas o passageiro do lado - um marinheiro velho com cara de Popeye empurra também delicadamente o homem que se derreou inteiramente sôbre êle. Disse até uma cousa assim: "não acordo porque isso é contra a minha religião."

O condutor vem cobrar a passagem, pois o dorminhoco só pagou até Mourisco - cem réis. Até largo do Machado mais duzentos réis, pois não? Desculpe. Olhe, o senhor vem dormindo, incomodando a senhora do lado e a êste senhor também! Dois incômodos! O homem volta à consciência, paga ao condutor, orienta-se pelas árvores da Praia de Botafogo. - Aí! que passei do ponto! Salta. E' bom tomar um ônibus. Mas o sono aperta o homem mesmo no poste de parada. Êle se deita no parapeito de pedra, em cima do mar, desce o palheta aos olhos e sonha descansado.